

Símbolos e insígnias militares da Força Expedicionária Brasileira

Júlio César Fidelis Soares ^a

Marcelo Etienne Nunes ^b

Resumo: A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi formada há 80 anos, como resposta aos ataques de submarinos alemães e italianos a navios mercantes brasileiros em águas territoriais e internacionais, o que levou o Brasil a ingressar na Segunda Guerra Mundial. Enviada para a Itália em 1944, a FEB desenvolveu uma campanha contra o Exército Alemão até a vitória final, em maio de 1945. Como é comum às unidades militares desde épocas remotas, a FEB possuía insígnias, flâmulas e bandeiras próprias, que a particularizavam e identificavam. O presente ensaio dedica-se ao estudo desses instrumentos de identificação no seio da tropa brasileira na Itália.

Palavras-chave: Insígnias, galhardetes, bandeiras e flâmulas..

AS INSÍGNIAS E SÍMBOLOS MILITARES POSSUEM UMA HISTÓRIA LONGA E COMPLEXA.

Ao contrário das instituições militares que vemos nas sociedades individualistas, ou pelo menos com feições muito nitidamente indivi-

dualistas, tal como são concebidas hoje, marcadas por sistemas hiper-codificadas, com uma série de regras, ordens, regulamentos, cerimônias e procedimentos estabelecidos, não apenas para ocasiões solenes, mas, mais precisamente, para os fatos triviais da vida de seus membros. Marcha, procissão,

^a Professor e economista, mestre em História Social.

^b Administrador. Associado aspirante do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



entrada em formação de batalha, vemos uma série de aspectos cerimoniais que marcam esses eventos. Porém, para acordar, sentar em uma escrivaninha, caminhar por um corredor, entrar em um elevador, dirigir-se a alguém, enviar um arquivo, criar um círculo de amigos – estender este protocolo ao seu núcleo familiar, inclusive – eis uma série de prescrições.

No brasão do Colégio Naval, uma âncora simboliza a visão esperançosa da Marinha para os alunos da Academia, representada por um livro aberto. Na parte inferior do escudo, a medalha de Mérito da Marinha, grau de Comandante, atribuída por despacho presidencial de 1963.

Outros elementos simbólicos são as bandeiras, pois representam, simbolicamente, a soberania das nações mundiais, refletindo as suas respectivas origens, valores, história e outras características. Cada país determina por lei os detalhes do protocolo oficial que rege o modo como a bandeira deve ser tratada. Segundo Jose Enrique Ruiz-Domenec, em seus estudos de

semiótica, existe uma história escondida no uso das bandeiras que age sobre o inconsciente. As bandeiras ou flâmulas nos primórdios tinham mais a função de identificar objetos e comunidades com o rei, como indicar o barco do monarca, ou um grupo de cavaleiros de uma escolta real, assim se sabia está chegando o rei nosso líder ou aquele que detém o poder. Com o passar do tempo, tais elementos como as bandeira passam a identificar uma coletividade nos momentos de festa e nos momentos de guerra elas começam a ter uma carga simbólica mais forte e mais emocional.

SÍMBOLOS E INSÍGNIAS MILITARES PODEM CONFUNDIR ESTRANHOS.

Entendemos e vemos, conscientemente, que eles os símbolos como uma bandeira se apresenta como um fenômeno circunstancial, ou seja, em versões. Hoje, grande parte das informações coletadas nesse âmbito, portanto, vem a partir do ponto de vista da máquina de



guerra norte-americana, por exemplo: não só por ela ser a maior inimiga dos “outros”, mas também por possuir o maior número de inimigos. Assim sendo, ela se torna o maior centro irradiador de versões sobre as máquinas de guerra alheias, assim como as outras máquinas também acabam por incorporar e fabricar suas versões da máquina norte-americana. Assim, como no passado e no presente, a bandeira com foice e martelo ou a bandeira com a cruz suástica causam temores e medo.

Ainda assim, como poderemos ver, grande parte da nomenclatura dos meios de guerra ao mesmo tempo contempla “solidariedades internas” e princípios estruturais, quase totêmicos, nas diferentes versões militares ou civis mercantes. Vejamos, por exemplo, alguns casos, partindo de frotas navais e seu sistema de nomenclatura. Do ponto de vista da semiótica, a flâmula reflete o estatuto militar do navio onde a mesma tremula e sua comunidade embarcada e sua origem nacional. No entanto, tecnicamente, representa o comandante do navio, e não

o navio em si. Assim, em seu significado original, a flâmula e o distintivo pessoal de um detentor de carta-patente de oficial da marinha de guerra, legando-o a carga de sua representatividade de poder legal.

O RESGATE DA BANDEIROLA E DAS INSÍGNIAS DE COMANDO DA FEB

Como sabemos, a Força Expedicionária Brasileira foi o contingente militar do Exército Brasileiro enviado à Europa para lutar na Segunda Guerra Mundial. Assim, há 80 anos passados, foi criada em 9 de agosto de 1943 em função das agressões feitas por ataques do Eixo contra os navios de bandeira brasileira. Organizada nossa força ofensiva em colaboração efetiva com os Aliados, houve a necessidade de criação de insígnias e símbolos representativos da Nação Brasileira, como uma dos poderes consortes do intento de destruir e vencer o que se chamou de Eixo.



Sabemos que toda organização necessita de seus símbolos organizacionais, pois eles são uma das formas de comunicar e criar identificação entre os colaboradores. Eles são uma das características mais visíveis da cultura de um empreendimento seja ele qual for. Essas características simbólicas carregam implicitamente as crenças, as relações, o que é valorizado por aquele grupo, ou seja, como nas religiões, sua profissão de fé.

O que ficou marcado como símbolo da Força Expedicionária Brasileira foi a jogada de *marketing* de política internacional, tentando criar ao fim do conflito um símbolo à moda de Hollywood, como parte integrante do V Exército dos EUA, que se estruturou operacionalmente com as seguintes grandes-unidades: II Corpo de Exército (EUA) e IV Corpo de Exército (EUA). Este último era composto pelos seguintes elementos:

- 6ª Divisão Blindada sul-africana;
- 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária brasileira;

- 85ª Divisão de Infantaria dos EUA;
- 10ª Divisão de Montanha dos EUA;
- 442º Regimento de Infantaria dos EUA;

Em meio a este grande aparato operacional militar, houve a necessidade de se criar identificações ora táticas, ora simbólicas, demarcando sua presença e identidade, tendo como ponto de partida o Exército dos EUA, do qual o V Exército (figura 1) recepcionou a FEB.

Fig.1 – Insígnia do V Exército dos EUA.



Fonte: US Army

Declinaremos de falar de outras unidades, sabedores de que cada uma delas possuía seus brasões, bandeiras e flâmulas. No caso



brasileiro, temos o elemento mais conhecido no meio daqueles que gostam de militar e estudam história militar, o famoso símbolo da cobra fumando.

Fig.2 – Insígnia “cobra fumando”, da Força Expedicionária Brasileira.



Fonte: Exército Brasileiro

Muito embora em nossas pesquisas redescobrimos as famosas flâmulas que representam a alma das tropas que atravessaram o oceano para participar do conflito mundial na Itália, a imagem acima (figura 2) trata-se de um brasão fazendo alusão à nossa Divisão de Infantaria. Fato é que tínhamos outros símbolos genuinamente brasileiros, oriundos de nossas tradições militares, pois nossas tropas se apresentaram na Itália por um bom tempo com a insígnia

divisional que chamamos carinhosamente de “coração do Brasil” (figura 3), que abaixo apresentamos como forma de ilustração.

Fig.3 – Insígnia “coração do Brasil”, utilizada inicialmente pela Força Expedicionária Brasileira.



Fonte: Exército Brasileiro

Com justiça apresentamos as flâmulas que representam a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, formada iconograficamente em um retângulo que segundo Joseph McMillan (2001), que assim a descreve:

A 1ª Divisão de Infantaria, núcleo da Força Expedicionária Brasileira que lutou ao lado dos Estados Unidos e outras tropas aliadas no norte da Itália durante a Segunda Guerra Mundial, usava bandeiras de comando que se diferenciavam das outras



divisões do Exército Brasileiro, pois as estrelas do Cruzeiro do Sul foram adicionados ao número da divisão e símbolos de ramificação na talha. Aqueles que conhecem a heráldica militar dos EUA podem reconhecer uma semelhança distinta entre o emblema da divisão, o numeral “1” cercado pelas estrelas do Cruzeiro do Sul. O emblema era notavelmente semelhante adotado quase ao mesmo tempo pela 1ª Divisão de Fuzileiros Navais dos EUA. Não tenho motivos para supor que isso seja apenas uma coincidência, já que a Divisão de Fuzileiros Navais lutou no Pacífico Sul, e não na Europa.¹

A insígnia de comando do general comandante da Divisão de Infantaria Expedicionária pode ser descrita da seguinte forma: “um Retângulo, subdividido por quatro outros retângulos menores, sendo o maior em cor vermelha e encimado ou sobreposto por um losango branco com o numeral 1 (um) de primeira divisão que figura bem no meio do losango que também tem nele gravado um cruzeiro do sul igualmente vermelhos” (figura 4).

Fig.4 – Insígnia do comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.



Fonte: Exército Brasileiro

Outro elemento simbólico importante gerado foi a insígnia de comandante da Infantaria Divisio-nária, onde se no qual figuram três elementos: o Cruzeiro do Sul, símbolo da infantaria brasileira que constitui-se de dois fuzis encimados por uma granada; o numeral “1” arábico, definindo como primeira divisão de Infantaria e, por fim, ao lado deste campo, mais dois: o superior verde e o inferior amarelo, fazendo valer as cores nacionais brasileiras (figura 5).



Fig.5 – Insignia do comandante da Infantaria Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.



Fonte: Exército Brasileiro

Então, se de um lado tenta-se “minimizar” no indivíduo suas características paisanas até uma pretensa “essência militar” naturalizada, de outro se pretende preencher o que está lá com algo, no caso a presença da tropa brasileira.

A engenharia social que realiza esse feito baseia-se fortemente em um dia-a-dia ritualizado, inteiramente pautado pela repetição de um ordenamento da realidade. Tal fato é marcado por uma diagramação constante dos horários, dos modos de conduta, de reconhecimento automático de dispositivos de ação, como ordens, posturas corporais e etiqueta, assim como o reconhecimento de símbolos e notações, como os emblemas e

siniais que se estampam nos uniformes, e, finalmente, de uma terminologia realizada principalmente através do emprego de uma linguagem cifrada por meio de siglas e termos nativos.

Os exemplos podem ser agrupados em algumas classes terminológicas e classificatórias que escolhemos a fim de ilustrar esse corte indenitário. Como diz Peirce

teoria geral das representações, que leva em conta os signos sob todas as formas e que assumem (linguísticas ou não), enfatizando especificamente a propriedade de convertibilidade recíproca entre os sistemas significantes que integram.²

O que nos leva a entender a interface com uma linguagem simbólica que marca a presença de um determinado grupo em um local assim como foi a presença das tropas brasileiras no Teatro de Operações da Itália, entre 1944 e 1945.



BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo. *História militar do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2019.

PEIRCE, Charles Sanders. *Selected Philosophical Writings*, Indiana, v. 2, 1998.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Introdução à semiótica*, Lisboa: Editora Presença, 1991.

SANTAELLA, Lucia. *Teoria geral dos signos*. São Paulo: Pioneira, 2000.

LUZ, Milton. *A história dos símbolos nacionais: a bandeira, o brasão, o selo, o hino*. Brasília: Senado Federal, 1999.

¹ Impresso intitulado *Exercito Expedicionário—Insígnias de Comando*, publicado pelo Gabinete Foto cartográfico do Ministério da Guerra do Brasil, nos arquivos do US Army Institute of Heraldry. *Joseph McMillan*, 6 de maio de 2001

² PEIRCE, Charles Sanders. *Selected Philosophical Writings*, Indiana, v. 2, 1998.